

Patente - 3-9-1964

# Parfleto (Documento)

## Advogado

## destroi

MANEJA

*V. E. P. S.*



do FBI

PORQUE

Lee Oswald

não matou

KENNEDY

SUMULA DA DEFESA DE OSWALD POR LANE

Em uma análise dos aspectos das liberdades civis ligadas ao assassinato de Lee Harvey Oswald, a União das Liberdades Civis Americana disse que o "interesse público" seria satisfeito se a comissão designada pelo Presidente Johnson fizesse "um exame apurado do tratamento dispensado a Oswald, inclusive o seu direito de constituir advogado, a natureza do interrogatório, sua segurança física enquanto preso e o efeito que teve a publicidade antes do julgamento no direito de Oswald a um julgamento justo".

No interesse público o Guardian está dedicando metade de sua edição desta semana a uma súmula sobre o caso Oswald, enviada pelo autor ao Juiz Earl Warren, chefe da comissão de inquérito instaurada para investigar as circunstâncias do assassinato do Presidente Kennedy. O autor é Mark Lane, advogado novoiorquino bastante conhecido, que patrocinou quase todos os manifestantes de direitos civis presos em Nova Iorque. Também atuou como advogado de defesa em certo número de homicídios que envolviam adolescentes.

Em 1959 ajudou a organizar os Democratas Reformistas, em Nova Iorque, um movimento dissidente dentro do Partido Democrático; foi o primeiro candidato a ser indicado pelo movimento à Legislatura do Estado de Nova Iorque e elegeu-se em 1960.

Em sua carta ao Juiz Warren, acompanhando a súmula, Lane insistiu em que um advogado de defesa fosse nomeado para Oswald de modo a que todos os aspectos do caso pudessem ser firmemente seguidos, particularmente já que a Oswald fora negado um julgamento justo em vida. E' uma nota irônica, como a União Americana das Liberdades Civis disse em sua declaração, que "se Oswald tivesse vivido para se submeter a julgamento e fosse condenado, os tribunais de apelação muito provavelmente teriam anulado a condenação, devido à prejudicial publicidade antes do julgamento".

A publicação de Guardian desta súmula de Lane apenas presume uma coisa: a inocência de um homem, segundo a lei dos Estados Unidos da América, a menos que ou até que provada a culpa. E' direito de qualquer acusado, seja o seu nome Oswald, Tuby ou Byron de la Beekwith, o homem acusado do homicídio de Medgar Evers em Mississippi. Uma presunção de inocência é a rocha sobre a qual repousa a jurisprudência americana. Lógico, deve-se aplicar no "crime do século" como no delito mais inexpressivo de um beco.

Pedimos aos nossos leitores estudar este documento, mostrar-lo às pessoas que puder (números extras estão à disposição, se pedidos) e mandá-los seu comentário. Qualquer informação ou análise baseada em fato que puder ajudar a Comissão Warren é de interesse público, interesse que exige seja feito todo o possível para estabelecer os fatos neste caso.

THE GUARDIAN

*Passo a ver com os membros do staff*

# A Defesa de Mark Lane

*di disse por o dia m el dist que m an el a a grem de d pios  
governi consel. O sumo pae  
Judicia a Mm e i f o i s  
B H 12-2-5-6-7-8-9-10-11-12-13-14-15-16-17-18-19-20-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100*

Muito provavelmente não existe uma só comunidade americana onde residam 12 homens ou mulheres, bons e sinceros, que presumam que Lee Harvey Oswald não tivesse assassinado o Presidente Kennedy; nem mais acerrado comentário pode ser feito com referência ao colapso do sistema de jurisprudência anglo-saxão. Na

própria base de nossa operação judicial está uma pedra angular que abriga o inocente como o culpado contra a histeria coletiva, prova fabricada, policiais com excesso de zelo, em suma, contra aqueles fatores que levam a um veredito de culpa automatizado, prejudicado e claramente condicionado. A presunção de inocência e direito sagrado de todo cidadão acusado de ter cometido crime.

Esta presunção, já se disse, é um manto envergado pelo acusado quando é feita a acusação inicial e por ele usado continuamente. É usado em todo o processo contra ele instaurado, e só despedido pelo réu depois que ele teve uma oportunidade de acarear-se com testemunhas contrárias, a apresentar suas próprias testemunhas e ele próprio depor.

Oswald não prestou declarações. Em verdade não haverá processo nem julgamento e Oswald, assassinado quando sob a guarda da polícia, ainda não tem advogado. Nestas circuns-

tâncias, o desenvolvimento de uma defesa possível é difícil, sendo irrealizável. Em tais condições o desenvolvimento dessa defesa é obrigatória.

Haverá um inquérito. Todavia, nenhum inquérito judiciosamente montado pode servir como um substituto adequado do julgamento. Os policiais investigam todo caso de crime antes de ser levado ao júri. A investigação da parte de quem investiga, da culpabilidade do acusado. Apesar disso, um júri muitas vezes acha o acusado inocente. Aquilo que ocorre entre o investigador zeloso e o júri é o processo regular, cuja evolução teve alto custo em vidas e liberdades humanas através dos anos. É o direito de por de lado o testemunho irrelevante; o direito de ter apresentados, desejos ou esperanças, pensamentos, desejos ou opiniões preconceituosas; o direito de testar, através de perguntas, a veracidade de cada testemunha e o valor de seu depoimento; e, talvez, acima de tudo, o direito de ter advogado de sua própria escolha, de modo que todos os outros direitos possam ser protegidos. Nesta defesa, Oswald foi privado de todos os direitos — e até da própria vida.

O leitor, inundado a princípio com 48 horas de mancha televisiva, rádio e jornais devotados a provar a culpabilidade do acusado, e de muita "prova" ad-

cional desde então, não pode agora examinar o caso sem a ele aduzir evidências preconcebidas. Pedimos a cada vez disso, apenas temporária suspensão de certeza.

## O caso contra Oswald

MUITO antes de que Oswald fosse mortalmente atingido no solo do tribunal de Dallas, os policiais de Dallas tinham concluído que Oswald era "sem qualquer dúvida o matador". No sábado, a imprensa foi informada de que "confirmada" foi absoluta quanto à culpa de Oswald" podia ser revelada à imprensa. Imediatamente depois que Oswald foi morto, o promotor de Dallas, J. Lee Wade, anunciou que "o caso wald estava encerrado". Malgrado a creença arraigada que prevalecia em todos os Estados Unidos quanto à culpa de Oswald, surgiram dúvidas em toda a Europa, que passaram, com a morte de Oswald, a uma quase absoluta repulsa da acusação.

O Departamento de Justiça então anunciou que o caso não estava encerrado. Wade convocou uma entrevista com a imprensa para "reabrir" o caso. Em uma declaração ao rádio

Ponto dois — 9-3-1964

e televisão, publicada em todo o mundo, Wade apresentou "a prova, peça por peça, para vocês".

Wade não é novato nos caminhos de execução da lei e promotoria. Es- teve no posto de promotor de Dallas 13 anos. Ele tem um grupo de 80 pes- soas e um orçamento anual de quase US\$ 500.000. Durante mais de quatro anos foi agente do FBI, antes de se tornar promotor.

Orgulha-se de ter obtido a pena cr- pital em 23 dos 24 casos de pena de morte em que atuou como promotor. E de se presumir que o caso Oswald fosse decididamente o assunto mais importante que enfrentaria, e o seu aparecimento no domingo para apre- sentar a prova significaria o climax de sua carreira. Essa foi uma apresenta- ção para a qual ele se preparara exaustivamente.

A esta luz, nós agora examinamos o "caso estanque", a confirmação in- nativa da culpa de Oswald. Wade apresentou 15 afirmativas, algumas merns conclusões, u m a s de fon- te não revelada, outras documentadas.

Eis as 15 afirmativas:

1. certo número de testemunhas viu Oswald à janela da biblioteca da Escola Texas; no sexto andar;
2. a impressão palmar de Oswald apareceu no fuzil;
3. a impressão palmar de Oswald apareceu em uma caixa de papelão encontrada junto à janela;
4. testes de parafina nas mãos mostraram que Oswald disparara uma arma de fogo recentemente;
5. o fuzil, italiano, fora comprado

THE NEW YORK TIMES  
LATE CITY EDITION  
PRESIDENT'S ASSASSIN SHOT TO DEATH  
IN JAIL CORRIDOR BY A DALLAS CITIZEN;  
GRIEVING THRONGS VIEW KENNEDY BIER

O grande "The New York Times" de 25 de novembro também deu seu veredicto e assassinio do Presidente". Posteriormente, refletiu sua opinião. Não foi só nos Estados Unidos que a imprensa criou a impressão de culpa de Lee Oswald. Em todo o mundo, onde os jornais recebem notícias telegráficas das agências norte-americanas, as manchetes foram semelhantes. No Brasil, o "O Globo" chegou a dar um editorial vangloriando-se do fato de ser "o assassinio de Kennedy, lido e uma organização pró-Cuba".

restrição em mente nos propomos a uma análise da prova.

### Ponto um

CERTO número de testemunhas viu Oswald à janela da biblio- teca da Escola Texas, no sexto

andar.

Já que se alega que Oswald dispa- rou através daquela janela, esta afir- mativa é importante. Wade foi laxu- tivo dizendo: "Primeiro, havia certo número de testemunhas que viram a

Wade ter declarado que havia uma impressão palmar, quando na verdade não havia.

### Ponto três

A IMPRESSÃO palmar de Oswald apareceu em uma caixa de pa- pelão encontrada junto à janela.

Wade declarou: "Nessa caixa em que o réu estava, sentido foi encontra- da a sua impressão palmar e identi- ficada como dele." De vez que uma impressão palmar de Oswald apareceu

uma carteira de identidade com o nome de Hidell;

7. Oswald foi visto no prédio por um policial logo depois que o presidente fôra baleado;

8. a mulher de Oswald disse que dera por falta do fuzil na sexta-feira, de manhã.

9. Oswald tinha um embrulho de baixo do braço na sexta-feira;

10. Oswald, quando tomou um ônibus no local, viu alto ao dizer a uma passageira que o Presidente fôra baleado;

11. um motorista de táxi, Darryl Click, levou Oswald para casa, onde ele trocou de roupa;

12. Oswald alvejou e matou um policial;

13. uma testemunha viu Oswald entrar no cinema Texas;

14. Oswald sacou de uma pistola e tentou matar o policial que o ia prender;

15. um mapa foi encontrado em poder de Oswald, mostrando o local do assassinato e a provável trajetória da bala.

Superficialmente examinada, a lista parece impressionante. Mas, nos casos de pena de morte, a prova não é superficialmente examinada. E sujeitos a reinquirições, estudo e análise probatórios. O mais eficiente instrumento proveitoso a qualquer réu, a reinquirição, já não é disponível neste caso. Apoiemo-nos, em vez disto, exclusivamente em relatos da imprensa sobre declarações prestadas, não por testemunhas de defesa nem pelo réu, mas pelo promotor, policiais ou agentes do FBI. Com esta opressiva

prédio da Ibrarin, a janela — de onde é olhada para fora. Em seguida ocorre que o "certo número de testemunhas" era na realidade uma testemunha que assim declarou: "Eu não posso identificá-lo, mas, se eu vir um homem que se pareça com ele, eu o apontarei" (Newsweek, 9 de dezembro). Tal "identificação" é bastante especulativa e não seria permitida desta forma no júri.

### Ponto dois

#### A IMPRESSÃO palmar de Oswald apareceu no fuzil.

Uma impressão palmar, diferentemente de uma impressão digital, nem sempre é isoladamente identificável. Não obstante, impressões palmares possivelmente pertencentes ao suspeito e presentes na arma de um crime devem ser consideradas importantes prova. Se o fuzil pertencia a Oswald, a presença de impressões palmares pedin ser normal e não levaria à inevitável conclusão de que Oswald disparara os tiros fatais. Toda vez, a especulação neste setor não é agora necessária para rebater o seguinte ponto de Wade. O FBI agora declara que "impressões palmares não foram encontradas no fuzil".

Esta conclusão, sustentada primeiramente pela imprensa de Fort Worth, foi mais tarde transmitida a reporteres pelas sessões oficiais do FBI. O FBI, àquela altura, assumiu a posição de que "nós não nos devemos importar com impressões neste caso". O FBI manifestou contrariedade por

de características dependentes do número de caracteres que são legíveis, a impressão palmar muito provável, mente não foi definitivamente "identificada como dele".

Antes se alegava que o réu comeu gulinha assada gordurosa junto a janela. A presença de uma impressão palmar indica que ele não usava luvas e não tomou precauções para evitar uma série de impressões digitais e palmares. Apesar disto, nenhuma impressão do réu foi encontrada no assento do carro, na parede da janela, esquadrias, etc. Apenas numa caixa de papelão móvel, depois presente na delegacia enquanto o réu também lá se encontrava, alega-se estar sua impressão.

Uma equipe investigadora super-zelosa poderia forjar tal impressão depois do fato. Certamente este caso sob a alegada das autoridades do Texas foi marcada pelo desejo de condenar o réu. Um promotor que declarou falsamente que há uma impressão palmar na arma do crime pode fazer similar declaração com referência a uma caixa de papelão.

### Ponto quatro

#### TESTES de parafina nas mãos mostraram que Oswald disparou para uma arma de fogo, recentemente.

A parafina é aplicada àquela parte do corpo humano que pode entrar em íntimo contato com o gás (liberado pelo disparo de uma arma) contendo partículas sólidas de nitratos queimados em suspensão. Para decretar

4. 1961

18  
nar se foi disparada uma pistola (isto é, uma arma de fogo), são feitos testes nas mãos. Para determinar se foi disparado um fuzil, são feitos testes nas mãos e na área dos lados da face, junto às maçãs do rosto, pois a face fica em imediato contato com o fuzil quando o gatilho é puxado.

No serviço militar, como qualquer veterano bem sabe, inclusive, Wade, um fuzil é sempre chamado fuzil número, sob pena de punição, é chamado arma de fogo (pistola). Na entrevista dada por Wade à imprensa, teve lugar este diálogo:

"Repórter: E sobre os testes de parafina?"

Wade: Bem, Fiz os testes de parafina que demonstraram que ele recentemente disparara uma arma de fogo — testes nas duas mãos.

Repórter: Recentemente ele disparou um fuzil?"

Wade: Uma arma de fogo."

As respostas de Wade, embora verdadeiras, eram um subterfúgio de detalhes, eram um subterfúgio de declarações parciais. O promotor deixou claro de declarar o fato adicional de que se efetuaram testes no rosto de Oswald e eles revelaram que não havia vestígios de pólvora no rosto de Oswald.

(Washington Star, 24 de novembro).  
Aqui surge um fato com clareza: o teste de parafina não provou que Oswald disparara um fuzil recentemente. O teste tendia a provar que Oswald

capaz de disparar três vezes em cinco segundos), Wade fez uma nova declaração: a arma do crime não era um Mauser alemão, era um mosquete italiano. Esta acusação reversível esboçou uma grande vulnerabilidade para o julgamento — o julgamento que jamais ocorreria.

### Ponto seis.

OSWALD tinha em seu poder uma carteira de identidade com o nome de Hiddell.

Wade declarou: "Com ele (Oswald) havia uma carteira de identidade com o mesmo nome (Hiddell) da carteira de Oswald, imediatamente após a prisão em culpando de assassinato, era um comunista, era o chefe do Comitê Pro-Jogo Limpas com Cuba, em Nova Orleans, e que usava um nome suposto, "Lee", nome com o qual alçou o seu quarto de 8 dólares por semana. No dia seguinte, depois que o FBI revelou que Oswald comprara um fuzil com o nome suposto de Hiddell, o promotor de Dallas anunciou pela primeira vez que Oswald conduzia uma carteira de identidade com o nome suposto de Hiddell quando foi preso no dia anterior.

Pergunta-se: por que a polícia e o promotor, ao aludirem aos antecedentes políticos de Oswald, deixaram de mencionar um outro nome suposto

9-2-1964 - Dallas

"Todos os empregados foram localizados, exceto o acusado". O New York Times (23 de novembro) noticiou: "Carca de 90 pessoas eram empregadas na Biblioteca da Escola de Texas e a maioria delas estava fora assisido no cortejo do Presidente". O Chefe e outros foram disparados". O Chefe e Policia Curry, que ia num carro dez metros à frente do automóvel do Presidente, disse que pôde ouvir o som dos três tiros e que eles provieram do prédio da companhia de livros. Outros depois que os tiros foram disparados, disse Curry, ele ouviu três tiros para que o prédio fosse cercado e vasculhado (New York Times, 24 de novembro). O emprego de 300 policiais dos seus 1,100 possibilita a rápida ação de enxada humana, disse eles.

A cena descrita para nós por Wade e Curry, mostra policiais cercando imediatamente no prédio para tirá-lo e vasculhá-lo. Este é o tipo de qual supostamente forara feito disparos fatais.

Nestas circunstâncias, é provável que Oswald pudesse deixar o local depois da chegada da polícia? E provável que Oswald, após matar o Presidente e decidindo abandonar o local, resolvesse primeiro parar para tomar uma soda e tivesse então — só depois do prédio cercado, interdição e do início da busca — feito um esforço para sair? É provável que cada um dos quase 90 empregados, a maioria dos quais estava fora do prédio, dominada pelo pânico e pela confusão

para Oswald e seu inocente.

### Ponto cinco

**FUZIL italiano, fora comprado por Oswald pelo correio e com um nome suposto.**

Wade disse: "Ele (o fuzil) como acho que sabem, foi identificado como tendo sido comprado em março último por Oswald, de uma loja que vende por reembolso postal através de um nome suposto — Hidell — endereçado a uma caixa postal aqui em Dallas". Wade disse que essa era a arma que matou o Presidente.

Wade fizera uma declaração muito diferente com referência à arma, do crime pouco antes.

Logo depois da prisão de Oswald, os policiais de Dallas anunciaram que haviam achado a arma do crime.

Wade e seus colegas estudaram o fuzil. Ele foi exibido aos telespectadores repetidamente quando certo policial levantava no ar com as mãos nuas. Depois de horas de exame, Wade disse sem hesitação que "a arma do crime era um Mauser alemão".

No dia seguinte anunciou-se que os arquivos do FBI mostravam que Oswald comprara um mosqueteo italiano pelo reembolso postal. Tal arma foi mandada a uma caixa postal mantida por Oswald em seu próprio nome e também no de A. Hidell (evidentemente, nenhum esforço sério foi feito por Oswald para escapar à descoberta de ter sido o comprador, se é que ele o fez).

Passando a seguir Oswald podia ser ligado a um fuzil italiano (sendo então descoberto que o fuzil italiano em questão era o

mesmo o suposto "fuzil" que não ser preso. É claro que uma carteira de identidade tirada em nome de outra pessoa, enquadrando-se exatamente na descrição de Oswald, era prova de um outro nome suposto. Por que as autoridades de Dallas "descobriram" publicamente a carteira de identidade com o nome de Hidell depois que o FBI disse que Oswald comprara um fuzil com o nome de Hidell?

### Ponto sete

**OSWALD foi visto no prédio por um policial logo depois que o Presidente fora baleado.**

Wade declarou: "Um policial, imediatamente após o assassinato, correu e tentou prendê-lo, mas o administrador do prédio disse que ele era um empregado e que estava tudo bem. Todos os empregados foram localizados, exceto o acusado. Uma descrição e o seu nome foram dados pela polícia para a sua captura." (Neste ponto pode-se dizer que todas as declarações de Wade são reproduzidas íntegras e na íntegra). O texto das observações de Wade apareceu no *New York Times*, a 26 de novembro.

Wade não explica por que o policial ia prender Oswald, que estava tomando um refresco no refeitório com outras pessoas. Se o policial tivesse razão para escolher Oswald para prender pelo assassinato, aquela altura, parece improvável que a mera declaração de que Oswald era um empregado pudesse isentá-lo da prisão.

Wade explica, entretanto, como a quase imediata descrição de Oswald foi irradiada para a polícia e para os cidadãos de Dallas. A explicação:

facil e rapidamente voltar ao seu local de trabalho através de um cordão de isolamento, ainda dentro do seu horário de almoço, de modo que "todos os outros empregados fossem localizados exceto o acusado..." e a descrição de um empregado ausente irradiada imediatamente?

### Ponto oito

**A MULHER de Oswald disse que deu por falta do fuzil na sua feira de manhã.**

Wade disse: "A mulher dissera que ela tinha uma arma de fogo na noite anterior e ela deu por sua falta naquela manhã, depois que ele saiu". Todas as indicações provenientes de declarações prestadas por outros policiais e de instruções reservadas do FBI são no sentido de que a Sra. Oswald jamais fora mencionada como tendo dito qualquer coisa semelhante, mesmo remotamente, à afirmativa de Wade.

Alegrou-se que a Sra. Oswald teria dito, no máximo, que viu algo em um lençol que podia ter sido um fuzil. Todavia, logo se tornou evidente que "escapou" do Serviço Secreto e absolutamente inexato. Mais tarde nós descobrimos que a Sra. Oswald declarou que ela nunca soubera que o seu marido possuía um fuzil, nem mesmo sabia que ele possuía uma pistola (*New York Times*, 8 de dezembro).

Talvez Wade e o Serviço Secreto se sentissem confiantes em que, assim como Oswald nunca teve a oportunidade de contar o seu lado da história, a Sra. Oswald também tivesse dificuldade em ser ouvida. Imediatamente

Paralelo — 8-3-1964

to depois do assassinato, Marina Oswald, a esposa de Lee, foi encarcerada pelo Serviço Secreto. "A filha e parentes de Lee Oswald estão sendo seqüestrados aqui (Dallas) pelo Serviço Secreto. Um porta-voz do Serviço Secreto disse que a família estava sendo mantida em um local secreto para sua própria proteção... Um porta-voz do Serviço Secreto disse que não sabia quando seriam libertados." (New York Times, 27 de novembro).

Visto como não vai haver julgamento, Marina Oswald não está sendo mantida como uma testemunha material, é claro. Já que o Governo Federal não tem jurisdição no caso, parece não haver base legal para o seu encarceramento. A mãe de Lee Oswald, amargada tanto quanto a viúva pela história relutante, depois de ser liberada da "custódia protetora" do Serviço Secreto solteou que um guarda fosse colocado à porta de sua casa. O Serviço Secreto negou o pedido, declarando que ela corria perigo. Pergunta-se, então: por que Marina Oswald, ampla e indevidamente citada pelo Serviço Secreto e pelo FBI, permaneceu sob proteção e provavelmente incommunicavel? A mesma edição do New York Times, que corajosamente declarou a opinião de Marina Oswald sobre o fuzil, disse: "A senhora Oswald foi transferida do motel para onde-foz-levada com a Sra. Marguerite Oswald, seu cunhado e esposa, depois do assassinato de seu marido. Ela agora está afastada dos parentes de Oswald assim como do público". Vários dias depois, um

WEEKEND EDITION

NEW YORK POST

ASSASSIN

NAMED

WEEKEND EDITION

NEW YORK POST

A presunção de culpa de Lee Oswald ganhou as manchetes. Este é o nº. 1. Zote de 24 de novembro.

Entretanto, voltamos ao "caso encerrado" de Wade. Mesmo que a Sra. Oswald tivesse declarado que o seu marido possuía um fuzil, e que ela mesma possuía um "prova" não seria admittida em um tribunal de Texas. Os policiais de Dallas, não obstante, passaram esta "prova" no público e, portanto, a todos: os jurados em potencial de Dallas, enquanto Oswald estava vivo e encerrado a possibilidade de julgamento. Esta atitude vic-

### Ponto dez

SWALD, quando tomou o ônibus no local, foi alto ao dizer a uma passageira que o Presidente foi baleado.

Wade disse: "Depois soube-se de que estava em um ônibus que tomou em Lamar Street e disseram no motel que o Presidente foi baleado. Ele disse à senhora — tudo isto foi comprovado por depoimentos —"

o desejo de se avistar com o repórter.  
O FBI interveio então e impediu a entrevista.

Parceria que a atitude do Serviço Secreto era ditada pelo desejo de evitar que qualquer verdade transparecesse pela família da Sra. Oswald ou seus amigos, ou ainda através da imprensa com referência às opiniões de Quase ao mesmo tempo, mais informações "escapadas" do Serviço Secreto e do FBI foram divulgadas quanto à lembrança de Marina Oswald sobre a tentativa do seu marido espóso de "atirar no assassinato" e com o mesmo fuzil do assassinato" e inundaram as primeiras páginas de todos os diários da América. A afirmativa de Marina Oswald de que jamais soubera sequer que o seu marido possuía um fuzil, enterrada no 14.º parágrafo de uma história que aparecia na página 63 do *New York Times*, é um repúdio total da invenção.

Podese dizer que quando Marina Oswald for libertada da "custódia protetora" estará em condições de debater a verdade das declarações dela impudadas pelo FBI, pelo Serviço Secreto e por Wade. O Serviço Secreto "sugeriulhe (a Marina Oswald) que lhe seria mais segura e mais fácil voltar para a União Soviética que tentar viver nos Estados Unidos" (*Times*, 8 de dezembro).  
Talvez o Serviço Secreto pretendesse indicar que seria mais seguro e mais fácil para o Serviço Secreto, o FBI, Wade e o caso contra Oswald se a Sra. Oswald silenciosamente deixasse o país.

da lei, violenciu a ética e os direitos do réu.

Em vista da falta de conhecimento de Marina Oswald a respeito do fuzil, e em vista da declaração prestada pela Sra. Paine, em cuja casa dizia-se ter estado guardado o fuzil, pergunta-se se Oswald teria, em verdade, jamais possuído um fuzil. "A Sra. Paine, uma Quaker, disse que não tinha idéia do que estava no lençol; que, devido às suas crenças pessoais, não permitiria que uma arma de qualquer tipo ficasse em sua casa" (*New York World Telegram and Sun*, 25 de novembro).

### Ponto nove

OSWALD tinha um embrulho de baixo do braço na sexta-feira.

O Promotor Público disse: "Nesse dia ele saiu de casa no dia anterior, na quinta-feira. À noite, e voltou com este sujeito — e quando voltou ele tinha um embrulho de baixo do braço, que disse ser cortinas de janela, eu acho, ou persianas".

Se Oswald estivesse vivo, nós lhe perguntaríamos: se conduzia um embrulho para o trabalho sexta-feira de manhã e, caso afirmativo, o que estava no embrulho e o que fora feito com o seu conteúdo. Se a Sra. Oswald não estivesse trancafiada em um local secreto, poderíamos perguntar-lhe a respeito do embrulho. Wade não indicou que prova, com relação ao embrulho, levou-o à conclusão que oferecera (que o embrulho continha a arma do crime).

Ele disse: "Como sabia?", indagou-lhe um homem atrás dele. E Oswald declarou haver respondido: "Sim, ele falou balendo", — bem alto".

Wade, ao contar sua história, não tentou explicar como Oswald escapou do prédio interditado por grande número de policiais de Dallas. Vamos deixar que este mistério nos leve a um outro: por que Oswald, fugindo do local do crime, pilheriou publicamente com respeito ao crime? Por que "bem alto"? Esta conduta mal compreendida com as 48 horas de negatificação de Dallas. O riso na história temulien quando nos mãos da imprensa pareceu tão improvável que o FBI, em comunicados à imprensa, admitiu que era inverídica. Considerando que esta história do riso no ônibus é falsa, consideramos também falsa a declaração de Wade nesta história de que "tudo isto foi verificando por declarações".

### Ponto onze

O motorista de taxi, Darryl Click, levou Oswald para casa onde ele trocou de roupa.

Wade disse: "Ele entilo, no entanto, pediu que o motorista parasse. Não em uma parada, tomou o taxi de Darryl Click — não tenho sua localização exata — e foi para casa, em Oak. mudou de roupa apressadamente partiu".

Em 27 de novembro admitiu-se que Darryl Click não dirigia um taxi e que Oswald era passageiro. Quando

*Ergebnis der ...*

*[Handwritten signature]*

20

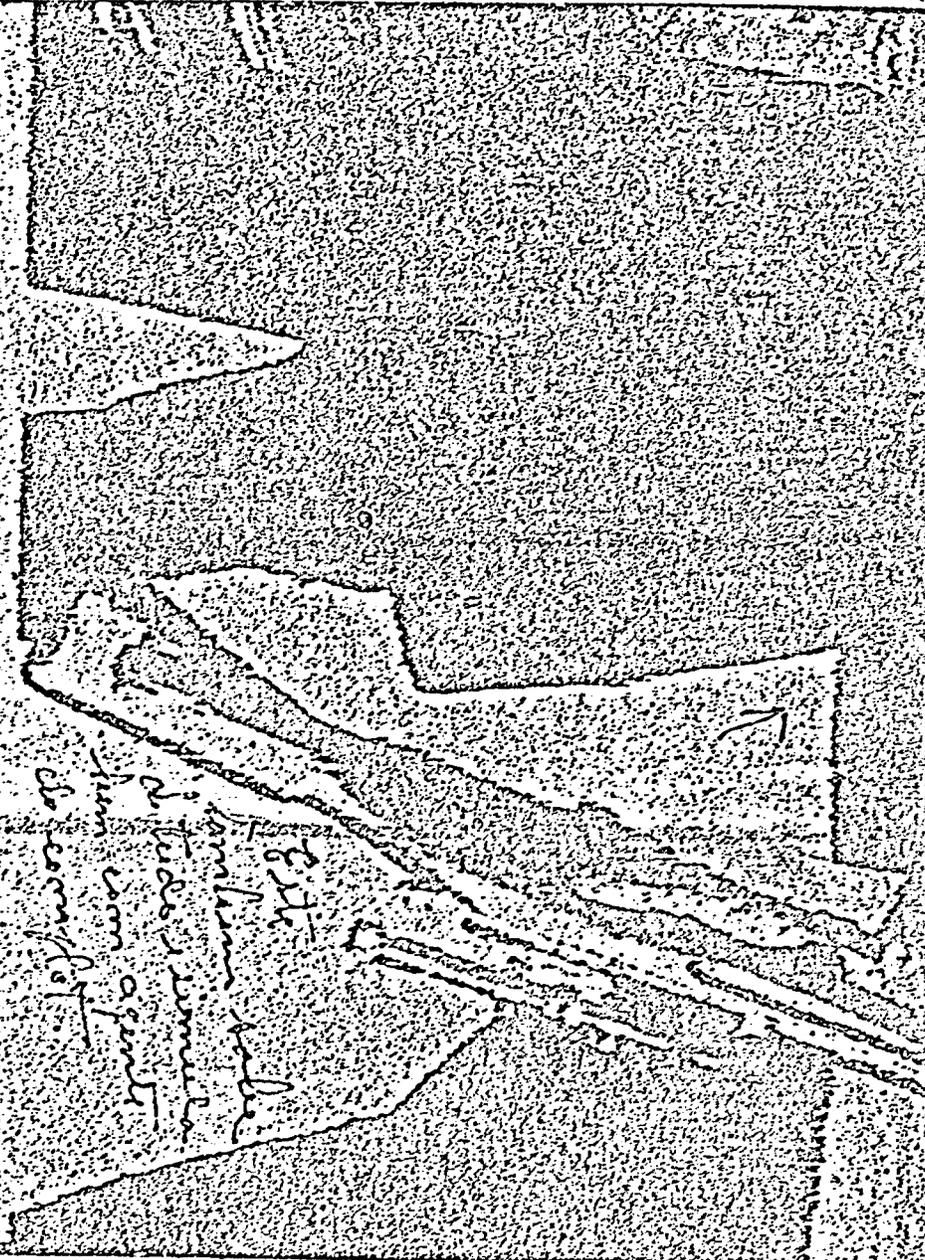
1954

1954

9-3-1954 - Penfile



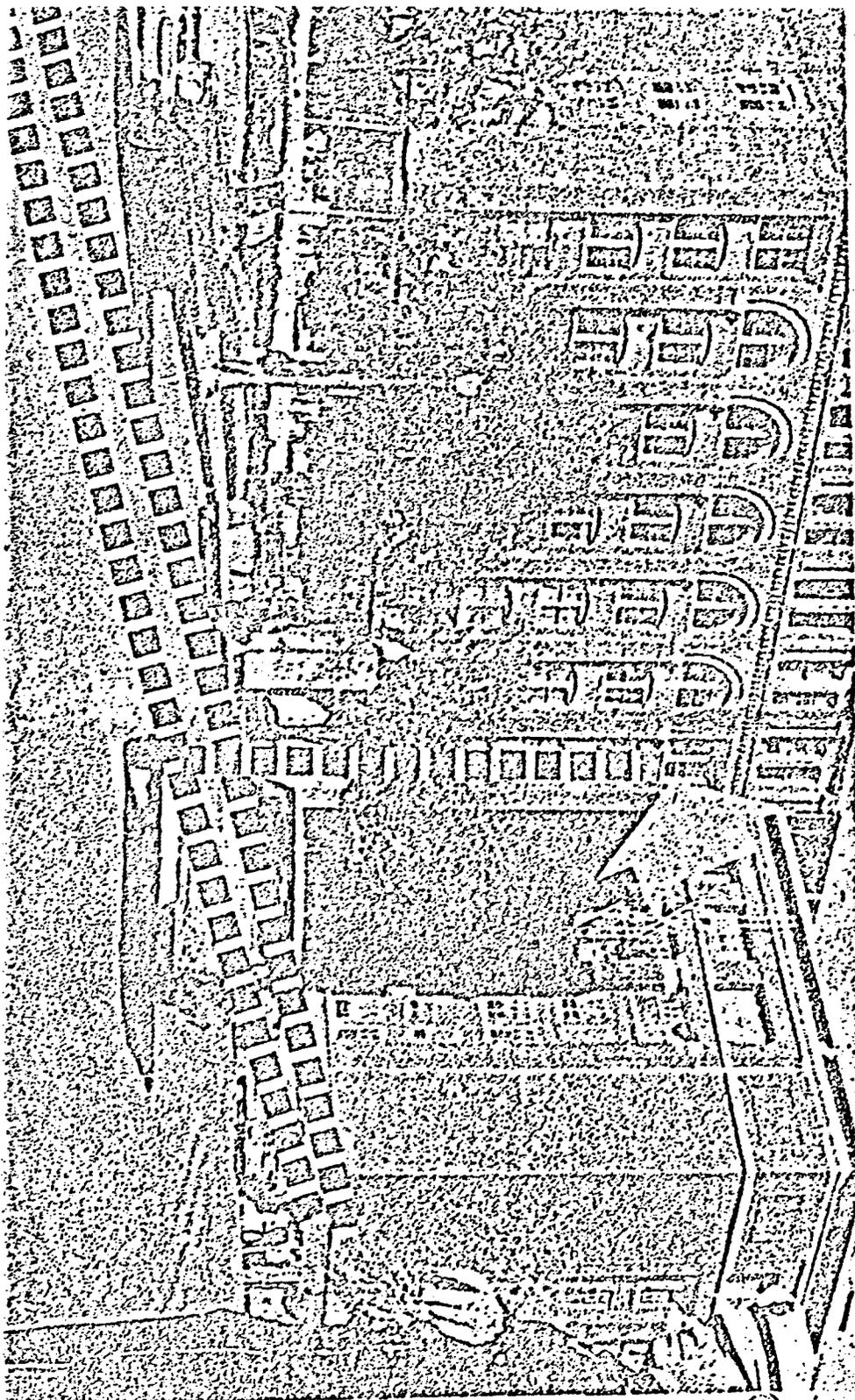
REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL  
SECRETARIA DE JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
BRASÍLIA, 15 DE OUTUBRO DE 1964.



*Está  
ambos lados  
de tudo, bem  
sem o grande  
do centro.*



Poucos minutos após o crime, um policial apareceu na rua, conduzindo um fuzil com mira telescópica. Mas, no fuzil, não foram encontradas impressões de Lee Oswald, ainda mais quando a polícia disse que o suposto assassino comen- çou a disparar antes de chegar. Suas munições engatilhadas deveriam ter deixado impressões na arma.

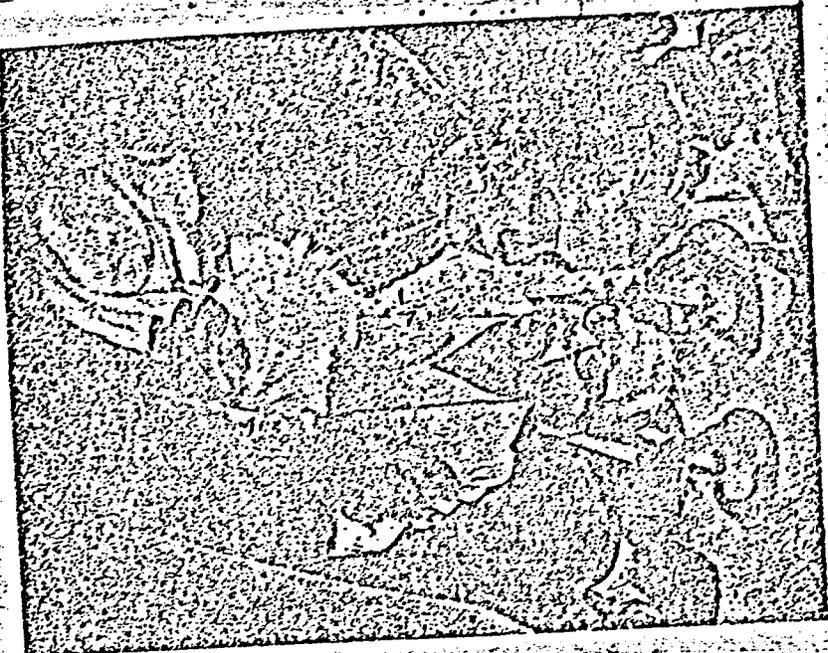


*H. P. [Signature]*

Do prédio esculpido pela sota partiam os tiros contra Kennedy — segundo a versão da polícia de Dallas. A divergência entre o que diz a polícia e que dizem os médicos que fizeram a necropsia consiste no fato de o presidente haver recebido tiros pela frente e pelas costas.

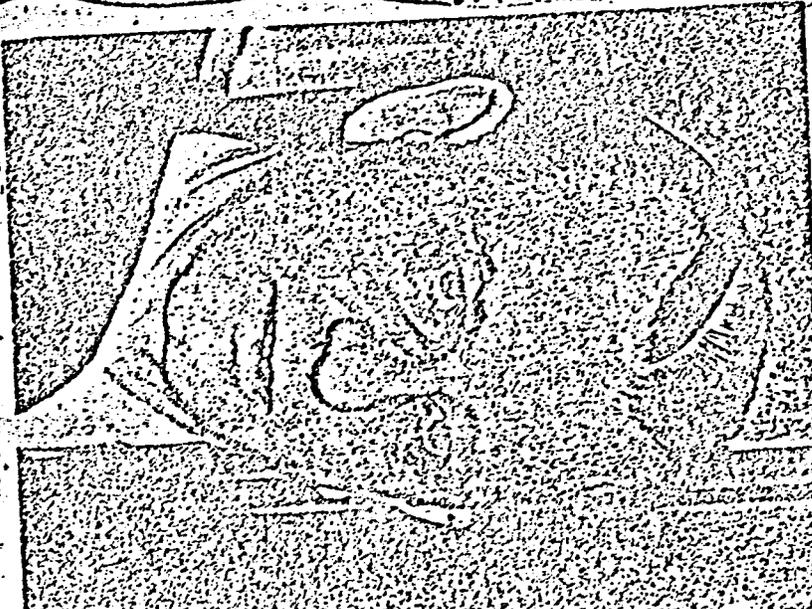
# A grande farça policial de Dallas

*o maior pecado do mundo está*



Jack Ruby (foto), conhecido proprietário de cabarés em Dallas e, talvez em consequência, amigo íntimo dos policiais da cidade, entrou no subterrâneo da polícia e matou o homem mais vigiado do mundo. Se o mundo inteiro tomara conhecimento de que Lee Oswald havia matado Kennedy, presunham-se que a polícia o envolveria num círculo de ferro (podendo haver linchamento por exemplo). A conclusão: que se tira do episódio é a seguinte: era preciso eliminar o bode expiatório. E por isso, nada melhor do que um amigo da polícia.

A wra. Marina Oswald — com o filho ao colo — tendo ao lado a sogra, é peça importante no processo. Desde o dia em que Marina foi cercada pelas agências policiais, seus depoimentos não têm validade, pois ela só diz o que o FBI determinar.



*aparece em sua história*

*o livro de... de... de...*

8-1962

Darryl Click desapareceu do caso, William Whaley apareceu como o homem que levou Oswald, não para casa mas pelo menos naquela direção.

Diz-se que Oswald disparou os tiros que mataram Kennedy do sexto andar do prédio. Oswald, diz-se, desceu então quatro lances de escada, comprou um refrigerante e o tomou quando o policial dele se acercou no segundo andar.

Oswald, diz-se, mais tarde deixou o prédio, esgueirando-se através do cordão policial e transiu pela rua em pânico até que encontrou um ônibus. Oswald, diz-se, entrou no ônibus, pagou a passagem, apANHOU um bilhete com direção a ballenação (que jamais utilizou) e falou com o motorista a respeito do assassinato.

O motorista indicou uma mulher a Oswald, diz-se, e ele falou com ela acerca de trolelo. Oswald, diz-se, finalmente, saiu do ônibus e, depois de andar uns seis quarteirões, ia "pela Rua do Comércio" quando o motorista, de taxi, agora chamado William Whalley, o viu. Oswald, diz-se, chegou para o taxi e entrou nele. O relatório de William Whaley mostra que Oswald entrou no taxi depois de ter completado toda essa viagem, exatamente às 12 horas e 30 minutos. Os taxis que mataram Kennedy foram disparados às 12 horas e 31 minutos.

va que a bilheteira estava tão descon- fada quando ela viu Oswald mudar de lugar, nervousamente, que telefonou para a polícia.

Logo tornou-se evidente que uma bilheteira, do lado de fora do cinema, dificilmente poderia observar os frequentadores depois de terem entrado. Por isto as autoridades disseram que um porteiro viu Oswald mudar de lugar várias vezes. A bilheteira é a de que uma pessoa do lado de fora do cinema observou a atitude suspeita de Oswald, regular- mente interior do cinema, fechou as portas com a ajuda do porteiro e depois avisou a polícia através de um chamado telefônico, feita pela bilheteira.

Alguns perguntam perfidamente por- que fez Oswald antes de entrar no cinema de modo a atrair atenção? De que tipo eram as suas ações "suspeitas"? Nós sabemos recentemente por psicólogos peritos em armas de fogo que, embora Oswald não fosse particularmente talentoso com um fuzil, sua "condição psicológica" pode- ter dado "coordenação sem nervos" de modo a que pudesse disparar com precisão.

Evidentemente, essa "coordenação sem nervos" não se fazia presente na entrada do cinema, embora pudesse ter parecido a Oswald que ele com- terna o crime perfeito, escapara da polícia. "Biblioteca Texas e agora es-

sentir a mão de Oswald no gatilho. Secudl a mão e pode retardar o movimento do gatilho. Ele não teve fô- rça suficiente para disparar." (Wade, *Ington Post*, 1 de dezembro).

Confrontado com um resumo des- ta declaração, Wade rapidamente re- spondeu:

"Repórter: Houve um policial que disse que Oswald puxou o gatilho, mas ele procurou pôr o polegar na frente do precursor. Não houve per- cusso e a bala não explodiu. Será que?...  
Wade: Eu não sei se foi isto ou não. Eu sei que ele não detonou a arma, é tudo que sei." (*New York Times*, 28 de novembro).

Deixamos esta incidente pensando num fato notável: a prova física apre- sentada por Wade — uma bala nã- enda por um precursor em uma fô- lativa de matar um policial — foi agora repelida pelo policial que era uma testemunha de vista e pelo pró- prio Wade.

### Ponto quinze

Uma mapa foi encontrado em poder de Oswald, mostrando o local de assassinato e a provável trajetória da bala.

No dia seguinte ao da histórica en- trevista à imprensa, e três dias depois da morte de Oswald, foi feita uma



Pendulo — 9-9-1964

Estados Unidos contra" o indigntado réu. Nenhuma acusação federal foi apresentada contra Oswald; todavia, no sentido mais significativo, o caso voltou todo o país e suas instituições contra um homem. Muito provávelmente nenhum réu em perspectiva na história da civilização foi julgado e condenado tão completamente, através do empreço dos meios de divulgação, como o foi Oswald.

A União Americana das Liberdades Civis (U.A.L.C.) comentou a 6 de dezembro:

"A nossa opinião é que Lee Harvey Oswald, se tivesse, teria sido privado de toda oportunidade de receber julgamento justo, por causa da conduta da polícia e dos funcionários da justiça de Dallas, sob a pressão do público e dos meios de divulgação.

A partir do momento de sua prisão até o seu assassinato, dois dias depois, Oswald foi julgado e condenado muitas vezes nos pronunciamentos públicos de policiais de Dallas pelos jornais, rádio e televisão. Freqüentemente, policiais categorizados e agentes da justiça declararam sua completa satisfação por ter sido Oswald o assassino. A medida que sua investigação descobria uma peça da prova atrás de outra, ela era irradada para o público.

"... O julgamento de Oswald não teria passado... de uma formalidade vazia."

Em uma seção sob o título "Responsabilidade da Polícia na Morte de JAMES EARL RAY" declarou que as

cos vestígios remanescentes de divulgações da culpa de Oswald são apagados do cenário americano.

Todavia, não se diga que os advogados não foram excluídos pelo fato de um promotor dar declarações públicas sobre um caso pendente. "Uma comissão da Associação de Advogados de Dallas reuniu-se, durante três horas, na noite de ontem, para debater acusações de que Tom Howard, advogado de Jack Ruby, violara a ética profissional, discutindo o processo de Ruby com a imprensa... Não foram feitas quaisquer acusações contra o promotor Henry Wade" (New York Post, 6 de dezembro).

Quando toda uma sociedade se emociona com determinado crime, a lógica é uma arma de valor duvidoso. Prevalecesse a lógica, certo número de perguntas teriam surgido para a liberação racional. Por exemplo: Poder-se-ia perguntar por que o FBI, tendo interrogado Oswald imediatamente uma semana antes do assassinato e tendo descoberto que ele trabalhava em um prédio situado diretamente no itinerário do Presidente, e sabendo que Oswald comprara um fuzil, não o vigiou no dia do assassinato. O certo é que uma pequena parte dos milhões de dólares concedidos ao FBI anualmente, e utilizados para seguir pessoas de pontos de vista políticos não ortodoxos e gravar seus telefonemas, podia ter sido gasto, nestas circunstâncias, como naquilo que o FBI e o Serviço Secreto referiram como "o maior dispositivo de segurança já em um país, para proteger um Presidente".

por um amigo do departamento de polícia, depois de dois avisos do FBI de que tal atentado ocorreria, deveria ser uma questão para discussão na imprensa. Se o FBI mostrou ou não a Sra. Oswald, mãe do acusado, uma fotografia de Ruby antes de ele assassinar Oswald, também estaria normalmente, debates nos meios de divulgação.

*Staple*

Existem dois assuntos que nem mesmo foram comentados pela imprensa até hoje: a motivação e o plano de fuga de Oswald. Oswald parecia respeitar o Presidente Kennedy. Se Oswald fosse um esquerdista, pró-soviético e pró-Cuba, não teria ajudado que durante o ano passado, com a assistência do Presidente Kennedy, uma melhoria de relações se processava entre os Estados Unidos e a União Soviética? Mesmo as relações entre os Estados Unidos e Cuba, se bem que ainda extremamente imbuístos, progrediram, passado o período de intervenção militar. O próprio Fidel Castro declarou, no dia da morte do Presidente Kennedy) tem possibilidade de se tornar o maior Presidente dos Estados Unidos... Ele chegou a comprar ensaio de muitos países nos últimos meses... En estou convencido de que qualquer outro seria pior" (New York Times, 11 de dezembro).

A imprensa destacou o fato de Oswald ter sido visto com um número do Worker, um publicação comunista, e que ele recebeu pelo menos duas cartas do Partido Comunista. Um jornal novotorguino a ele se referiu em um editorial como "assassinar

... como da própria vida".

Em 4 de dezembro, o chanceler-  
eleito da Ordem dos Advogados da  
Filadélfia declarou que Lee Oswald  
foi "linchado" e que isto era uma  
"acusação formal" à polícia pelo seu  
fracasso na proteção de Oswald (*New  
York Times*, 5 de dezembro). Estes  
dois comentários, feitos depois da  
morte de Oswald e enterrados pelos  
meios de divulgação sob a avalanche  
de novos ataques contra Oswald (in-  
clusive as inconfiáveis do FBI  
quanto a outros crimes atribuídos a  
Oswald), constituem até agora quase  
a única indicação de sanidade no  
país.

Depois da morte de Oswald, o FBI  
agiu para evitar que certas informa-  
ções chegassem ao conhecimento pú-  
blico. "A maioria dos cidadãos que ha-  
viam cooperado com os repórteres a  
respeito do crime se recusou a auxi-  
liar os depois de terem sido entrevis-  
tados pelos agentes do FBI" (*New  
York Times*, 6 de dezembro). O FBI  
agiu não para proteger os direitos de  
um acusado, mas, depois que ele foi  
assassinado, para proteger a inconsis-  
tente prova de uma posterior investi-  
gação. A Sra. Oswald, ainda sob a  
guarda do Serviço Secreto, escondida  
em lugar não sabido, foi mencionada  
nas primeiras páginas dos jornais em  
todo o país, em 6 e 7 de dezembro,  
como implicando Oswald em um ou-  
tro crime. Essa menção só podia ter  
origem através de inconfiáveis do  
Serviço Secreto ou do FBI. Ninguém  
mais tinha acesso a ela. E, assim, a  
insanidade acelerou-se até que os pou-

### A Questão do Motivo

S E a polícia de Dallas, por cum-  
plimento ou complacência, per-  
mitiu o assassinato do acusado

... em 1960, e que nos  
últimos seis meses...  
em que o Partido Comunista, que ele  
dirige, endossasse e apoiasse Kenne-  
dy novamente? Por que desejaría Os-

# Oswald the Man, Dallas Cops Sure

By HENRY MACHIRELLA

Os grandes colunistas de Nova Iorque também beteram na mesma tecla: Oswald é o homem.  
Este é o *N.Y. News*, de 24 de novembro.

21  
9  
FBI

...vaid assassinar o Presidente? E, de-  
pois de disparar no Presidente, como  
planejou fugir? Desejava ele fugir do  
prédio? Caso afirmativo, por que fi-  
cou no refetório tomando uma soda?  
Ele estava com pressa? Caso afirma-  
tivo, por que foi dar um passeio de  
ônibus? Era um dia de muito calor  
em Dallas. A Sra. Kennedy, abafada  
no carro aberto em movimento, disse:  
"mais tarde que esperava sentir um ar  
mais fresco quando passasse por ba-  
xo de uma ponte adiante. Por que en-  
tão Oswald, procurando fugir da po-  
lícia, foi em casa apanhar o casaco?  
Se tentava sair da cidade, por que  
então foi a um cinema, exatamente  
quando as buscas em toda a cidade  
aumentavam de intensidade?"  
Estas são áreas autênticas para es-  
peculação pela imprensa, agora que o  
acusado está morto. São, entretanto,  
as únicas áreas deixadas sem exame  
pelos meios de divulgação.  
Talvez algum dia, quando a Améri-  
ca estiver preparada para que a luz  
meridiana da razão penetre no espia-  
rio nacional, agora congelado numa  
conclusão falsa e injusta, este ríspido  
e outros ainda mais compreensivos  
podem ser lidos.

### Um caso afirmativo

De acordo com o nosso sistema de  
Justiça, um acusado não preci-

pressão suficiente era exercida sobre  
elas, mas também inocentes igual-  
mente sucumbiam.  
Grande pressão foi exercida sobre  
Oswald. Ele foi o único condenado  
como matador de um líder popular.  
"Oswald foi espinhado, eles" poli-  
ciais que o prenderam, a... que o seu  
rostro ficou inchado e contundido.  
"Você quis matar o Presidente, não  
foi?" gritou um policial com voz su-  
focada" (*Washington Post*, 1.º de de-  
zembro).  
Além disso, "Oswald teve uma equi-  
mose no olho e um corte na testa"  
(*New York Times*, 24 de novembro).  
Quando um repórter perguntou a Os-  
wald, em uma entrevista na televisão,  
como ele recebera os machucados e  
cortes no rosto, ele respondeu calma-  
mente: "Um policial me bateu".  
Durante 48 horas foi negado a Os-  
wald o direito elementar de constituir  
advogados de sua escolha. A polícia  
de Dallas falsamente declarou aos  
advogados da UALC que Oswald "não  
queria advogado". Apesar de abuso  
físico e do isolamento absoluto, Os-  
wald continuou a declarar que era  
inocente. Todos os assassinos antero-  
res de presidentes americanos, im-  
ediatamente e com baseia, declara-  
ram-se autores do crime.

### Testemunhas

do caráter

Gandhi". (*Washington Post*, 1.º de de-  
zembro).  
Roy Truly, o diretor da biblioteca  
onde Oswald era empregado, disse:  
Oswald: "Ele parecia um rapaz nor-  
mal e tranquilo".  
A Sra. Payne, com quem sua esposa  
e filhos moravam e onde ele ficou  
nos fins de semana, disse: "Marina  
esposa de Lee Oswald) era muito fi-  
vorável ao Presidente e sua família".  
A maior parte do que ela aprendeu  
de notícias americanas foi através  
Lee, que traduzia dos jornais e rev-  
istas. Marina disse que ele nunca  
monstrou quaisquer sentimentos n-  
gativos, com relação ao Presiden-  
Kennedy". (*Washington Post*, 28  
novembro).  
A Sra. Payne também declarou  
"Pelo que eu sei, Oswald jamais fi-  
za críticas a Kennedy. Ele criticou  
o General (Edwin) Walker, mas  
nunca ouvi dizer qualquer  
tra o Presidente. De fato, nunca  
pressiono em que ele o respeitava"  
(*New York World Telegram and Sun*,  
25 de novembro).  
Em 1950, Oswald, quando em New  
York, foi entrevistado por Priscilla  
Johnson, correspondente americana.  
Ela declarou: "Eu o achei um tipo  
agradável. Ele era calmo e não tirava  
modos violento. Era tão megalômano  
que eu estava tentando ajudar  
essa pessoa a ajudar  
A Sra. Luella Alvert, diretora  
Escola Elementar West Riddgen,  
Oswald frequentou, disse: "Se ele

tor falhar na execução dessa tarefa, o acusado deve ser declarado inocente.

No caso Oswald, a histeria e a intolerância varreram de tal modo o nosso país que as proteções garantidas pela nossa Constituição e pelas nossas tradições deixaram de funcionar. Já que a irracionalidade é a principal inimiga da justiça e do processo regular, somos obrigados a partir do processo legal ordinário.

Neste ponto apresentaremos um caso afirmativo. Procuraremos mostrar fatos que tendem a provar que Oswald não atirou no Presidente Kennedy.

Uma negativa de um réu que cometeu um crime, quando apoiada por testemunha quanto ao seu bom caráter, é suficiente em si mesma para causar uma dúvida razoável, a qual, mesmo em face de prova em contrário, pode redundar em absolvição.

Oswald negou que tivesse atirado em alguém. Ele declarou que as acusações contra ele eram "ridículas". Persistiu na negativa apesar do fato de ter sido inquirido durante 48 horas, sem a assistência de advogado.

O fato de negar-se advogado, quando ligado a uma inquirição prolongada, é impróprio e contrário a princípios legais há muito acatados. Este princípio evoluiu em sentido contrário do antigo julgamento de Deus, ou julgamento pelo fogo, que forçava uma pessoa acusada de crime a cooperar na acusação em seu próprio processo. Criaram-se grandes proteções constitucionais, inclusive a Quinta Emenda à Constituição dos Estados Unidos. Descobriu-se que não só pessoas culpadas confessavam, quando

**A** IMPRENSA foi prótica em ataquar a Oswald, desde sua morte, com cada informante emitindo suas próprias declarações quantando a sua própria capacidade de discernir incipientes problemas mentais ou fraquezas de caráter quando Oswald era muito novo.

Um ex-funcionário, encarregado de vigiar os beneficiários por "suicis" na cidade de Nova Iorque, permitiu-se uma entrevista que violou princípios de uma seleção privilegiada e profetizada entre ele próprio e um jovem. Um juiz da 7ª de Família entrou registros ao FBI e a informação foi levada à imprensa.

Não obstante, aqueles que conheciam Oswald um pouco melhor tinham algumas coisas boas a dizer a seu respeito. Em um julgamento, esse testemunho teria sido decisivo. O pastor ajudante da Primeira Igreja Unitária de Dallas, Rev. Byrd Helligs, disse que Oswald como "erraditor": "Ele creveu Oswald como um bom vocabulário. Não possuía um bom vocabulário. Não tropeçava nos particípios nem paria os infinitivos. Pela definição no dicionário da palavra "intelectual", ele era um intelectual". Helligs acrescentou que ele não sentia "qualquer frustração através da erudição. Ele era calmo" (*Washington Post*, 1.º de dezembro).

Samuel Ballen, identificado pela imprensa como um "economista de petróleo, republicano de Dallas", disse que achava Lee Oswald um "jovem independente, pensativo, e pesquisador... Ele era um tanto frágil fisicamente. Para mim, pelo menos, era o tipo de pessoa de que eu podia gostar. Eu simpatizava com ele, que tinha ajudado um pouco... Ele tinha um aspecto que recordava um pouco

Se o caso fosse a julgamento, o número das pessoas em geral selecionadas como testemunhas de caráter, incluindo seu pai, um ministro, sua senhora, um respeitável comerciante, uma correspondente que o conheceu no estrangeiro, a família Quaker com quem sua esposa residia e seus professores na escola. A julgar pelas respostas anteriores, pode-se concluir que o testemunho de caráter seria favorável a Lee Oswald.

## Tempo, lugar e Oswald

**A** LEM da negativa coerente de culpa pelo acusado e depoimentos de testemunhas de caráter, que parecem apontar Oswald como uma pessoa diferente do tipo hostil e perturbado geralmente ligado ao crime particular, um réu pode oferecer testemunho indicando que ele estava em outro lugar que não o local do crime, quando este foi cometido. Nós, naturalmente, não pudemos obter essa informação deste acusado.

Entretanto, uma válida defesa poderia resultar mostrando que, mesmo que o acusado estivesse no local onde poderia ter cometido o crime, ele não poderia ter cometido o crime. Isto é a presunção arma do crime, um momento italiano de 6,5 mm, não poderia disparar os três tiros que alcançaram o Presidente Kennedy e o Governador Connally.

O relatório oficial do homicídio, arquivado pelo Departamento de Polícia de Dallas, declara, na parte "Local da Ocorrência": "Elm Street (aproximadamente 150 pés a oeste de Hous-

Paradeiro — 9-3-1964

ton). O relatório também contém, na parte "Declarado morto pelo médico", o nome "Dr. Kemp Clark, 13 horas, Parkland Hospital".

Um filme tirado do Presidente, pouco antes, durante e após os tiros, e mostrado na televisão, indicava que o Presidente estava olhando bem para frente quando foi disparado o primeiro tiro, que entrou em sua garganta. Uma série de quadros tirados do filme e publicados na revista *Life*, em 29 de novembro, mostram exatamente a mesma situação. As fotos de *Life* também mostram que o carro que conduzia o Presidente já ultrapassava a curva da Houston Street e estava a apreciável distância do prédio da biblioteca. A estimativa de *Life*, em uma legenda, é de que o carro que levava o Presidente estava cerca de 70 metros além da janela do sexto andar, quando o primeiro tiro foi disparado.

O *New York Times* de 27 de novembro, noticiou: "O Dr. Kemp Clark, que declarou Kennedy morto, disse que uma bala atingiu-o perto do nó da gravata. Ela entrou de cima para baixo, no peito, e não saiu", disse o cirurgião. O segundo "ele chamou de "ferimento tangencial" causado por uma bala que atingiu "a parte de trás da cabeça, lado direito". O *New York Herald Tribune*, de 27 de novembro, disse: "Baseados em dados acumulados, os investigadores concluíram que o primeiro tiro, disparado quando o carro presidencial se aproximava, feriu o Presidente no pescoço, exatamente acima do nó da sua gravata, depois desceu dentro do

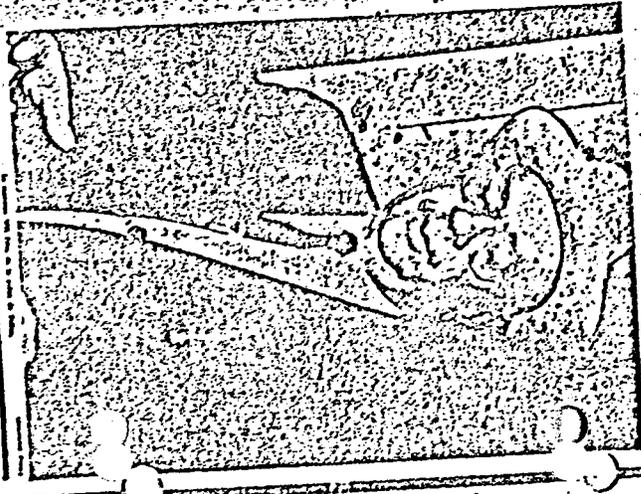
tiram a possibilidade de que "ele (o Presidente) teria de estar olhando completamente para trás" (*Post-Dispatch* de Saint Louis, 1.º de dezembro). O correspondente de *Washington* para o *Post-Dispatch* declarou: "Os filmes, contudo, mostram que o Presidente olhava para frente" (1.º de dezembro). "A Sra. John Connally, esposa do Governador de Texas, disse que ela acabava de dizer ao Sr. Kennedy: "O senhor não pode dizer que Dallas hoje está inamistosa." Presumivelmente ele estava a ponto de responder, quando foi ferido" (*Ibid.*). A Sra. Connally estava sentada diante do Presidente. Fiantes-ijos, portanto, no Relatório do Homicídio, argumentando na polícia de Dallas pelos dois policiais que foram testemunhas oculares, nos filmes tirados dos disparos, nas fotos tiradas dos filmes, na declaração do Governador Connally, na opinião geral daqueles que reconstituíram a cena sob a supervisão do Serviço Secreto e no relatório dos médicos assistentes, podemos concluir que o tiro foi disparado quando o Presidente estava de costas para a janela dessa janela, e que a bala entrou pela parietal, lateral da garganta do Presidente. Se Oswald estivesse a janela do sexto andar, conforme se alega, quando o Presidente foi baleado, teria sido fisicamente impossível disparar o primeiro tiro que feriu o Presidente. De acordo com Richard Duddman, correspondente do *Post-Dispatch* de 1.º de dezembro: "A pergunta que se surge é: "Como pôde o Presidente ser atingido de frente estando de costas?"

*Handwritten signature/initials*

LA COEXISTENCE SANS KENNEDY  
France  
Observateur

1.º JUNE - MONDAY 1964  
1.º JUNE - MONDAY 1964

LE  
SUSPECT  
NUMERO UN



OU VA DONC LA  
RÉVOLUTION ALGERIENNE?

David ROUSSET

O "France Observateur" de 28 de novembro fugiu às doses maléficas do mundo pelas agências telegráficas norte-americanas (se não fosse de grande imprensa) e um seu correspondente nos Estados Unidos levantou o fio da história e apresentou o capítulo VIII. Fugiu de polícia de Dallas, como o suspeito número 1.

Paris, sem mesmo sabermos que Oswald



11  
1964

examinar o veículo aqui (Washington). Esquivou-se de discutir qualquer orfício que pudesse existir no para-brisa."

Sem dúvida, o Serviço Secreto colocou o automóvel sob custódia pessoal, "em um local secreto para sua proteção".

Dudman continuou a apresentar informações impressionantes: "A incerteza cerca o número de tiros disparados" (Ibid). Embora a maioria das testemunhas tivesse ouvido três tiros, disparados num período de cinco segundos, parece que cinco balas foram descobertas. <sup>3</sup> <sup>3</sup> <sup>3</sup>

"Dizem os médicos que a primeira bala entrou na garganta, seguiu para baixo e ficou no corpo do Presidente. A segunda foi extraída da coxa do Governador Connally. Ali se alojou depois de ter entrado pelo lado direito de suas costas, passando através de seu corpo e do pulso. Uma terceira, que pode ser aquela que atingiu a parte de trás da cabeça do Sr. Kennedy, foi recuperada na maca em que este foi transportado para o hospital. Uma quarta foi achada, em Dallas, depois do tiroteio. Estava no fragmento, no carro. Ainda uma outra foi descoberta pelos policiais de Grammao oposto ao ponto onde o Presidente foi ferido. Eles não sabiam se ela tinha alguma coisa que ver com os disparos sobre o Presidente e o Governador" (Ibid).

uma surra com absoluta clareza

las, com o FBI ao seu lado, anunciou o mesmo parecer agora referido pelas últimas descobertas do FBI. Em tais circunstâncias, recebemos que provas tendentes a estabelecer a inocência de Oswald podiam ser postas de lado, enquanto provas estabelecidas de sua culpabilidade podiam ser ampliadas ou mesmo forjadas.

### Os riscos são grandes

EMPREGO do FBI na Comissão Warren para encontrar um resíduo idêntico no divulgado não pode ser acentuado muito arrojadamente. Se a Comissão Warren encontrasse e publicasse uma conclusão substancialmente diferente daquela apresentada publicamente pelo FBI, a confiança do povo no FBI ficaria tão abalada que, com toda probabilidade, este tornaria-se, tal como agora está constituído, quase absolutamente inútil. É de calcular-se que o FBI deoje evitar este resultado.

Pode ser argumentado em diversos níveis da vida governamental que um resultado da comissão, segundo o qual um americano linchado em um tribunal de Dallas podia estar inocente,

O ódio gera o ódio. O crime — como já vimos — gera o crime. E o historicismo gera a repulsa pela grande ação de justiça dos anglo-saxões. Mas, se for possível deixar para trás a ideia de violência e malícia, o renascimento nacional deve começar com o respeito pela lei e o desprezo pelo historicismo, que fez impossível um justo tratamento deste caso.

A nossa consciência nacional deve repeller os meios maños de divulgação empregados na condenação de Oswald — um provável inocente e começar a examinar e analisar a prova. Devemos reconhecer que mesmo desmentirse temerário pela vida e dechna humana que causou a morte do nosso Presidente, quando também a morte de Oswald, quando sob a proteção da polícia. E, neste disto, resultou na destruição de todos os direitos de um americano acusado de crime. A imprensa, as es rádio e televisão compartilharam a culpa.

Os mantenedores da lei, todavia, começaram pelo promotor Wade, que falsamente divulgou a prova comumente a todo o mundo e que cominou o desenvolvimento de uma atmosfera carnavalesca, devem sofrer um mais severo julgamento da história. Vocês são o júri. Vocês são o júri que Lee Harvey Oswald jamais terá.

Um terrível crime foi perpetrado. Um líder jovem, energético e cheio de ideias, foi assassinado.

testável contra Oswald como único matador", é baseada numa investigação que não faz falta a ponto de ser incerteza, ou numa investigação dirigida, desde o início, para uma determinada conclusão.

## A Investigação

**H**AVENDO completado sua investigação, o FBI apresentou o que corresponde a suas descobertas e conclusões. O veredito, astucioso e dissimuladamente divulgado à imprensa e depois trombetado para todo o mundo, é impressionantemente simples: "Oswald assassinou. Ele agiu sozinho". Esta notável repartição de investigação e aplicação da lei, incapaz de solucionar um único dos mais de 40 alegados a bomba de Birmingham, agora é capaz de funcionar como investigador, promotor, juiz e jurado. Nenhuma outra repartição americana teve a presunção de ocupar tantos cargos de confiança ao mesmo tempo.

O problema essencial é que nenhuma repartição investigadora pode com justiça avaliar os frutos de seu próprio serviço. Estivesse o FBI certo de suas conclusões, parece provável que não relutasse tanto em permitir que testemunhas falassem à imprensa. Não sentiria a necessidade de continuamente deixar "escorregar" na imprensa, informação favorável ao seu parecer. O mais inquietante, contudo, é que o FBI, uma vez vinculado a uma conclusão concebida antes da investigação, pudesse ser levado a descobrir prova que sustente essa conclusão. Poucos horrores depois de Oswald ter sido preso, a polícia de Dal-

quer comissão, nestas circunstâncias, arcar com a responsabilidade que lhe é imposta. Por amor ao nosso país, espere-mos que o juiz Earl Warren, um eminente e justo americano, possa, com sucesso, orientar a sua comissão, através do mar de ólio e malícia que cerca este caso, em sua busca da verdade.

## Uma Era de Compreensão

**E**XISTEM aqueles que têm dito que muito de bom pode resultar deste assassinato, que uma nova era de compreensão e unidade pode dele emanar. Eu divido disto.

Se Oswald é inocente — e esta é uma possibilidade que agora não pode ser negada, — então o assassinato do Presidente Kennedy continua solto.

Deixemos que aqueles que não foram uma justa apreciação das provas favoráveis a Oswald, devido a um ódio inspiado, dizem eles, e se devotadamente ao falecido Presidente, meilitem nisso:

Você.

Deixemos que aqueles que não foram uma justa apreciação das provas favoráveis a Oswald, devido a um ódio inspiado, dizem eles, e se devotadamente ao falecido Presidente, meiltem nisso:



A substituição mostra o ângulo vital de janela onde estaria, segundo a polícia, Lee Oswald, poderiam ter perdido os tiros pelas costas. Falta a explicação para os disparos que não Kennedy pela frente.